



Director literario:

Augusto de Santa-Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo Malta
PAPUSSE



FALÁCIA DE MENINOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHO DE EDUARDO MALTA

—Quando fôr grande, quando fôr mais velho,
Eu quero ser ministro!... Eu quero ser
Ministro:—Presidente do conselho!...

—Pois eu cá não!

—Então, que queres ser?!

—Eu quero ser *chauffeur*,

Pó-pó-pó... zut... «a nove», num Peugeot, num Pa-
card,

Pó-pó-pó... pó-pó-pó...! nas horas de estalar!

—E tu, ó Zé?!...

—Sei lá!

—E tu, ó Chico?!...

—Eu cá,
Quero ser rico!

—E tu, ó Juca?!...

—Eu cá do que gostava...

O que mais me agradava

Era ser almirante ou general!

Andar

De farda com galões

E com botões

Doirados;

Comandar

Os soldados!

Guerrear...
Partir para as batalhas
E ao regressar
De novo a Portugal
A' nossa qu'rida terra,
Mostrar
A cruz de guerra,
Mil condecorações
E mil medalhas!
Quando eu fosse a passar,
Ouvir gritar
Em roda,
A's á-á-á-á-á-ár-mas!...
Com toda a força,
Toda
A força dos pulmões!
Ou, então,
Viver sempre no mar,
Por entre embarcações,
E gritar
Orça a vela!
Esta, mais esta, aquela...

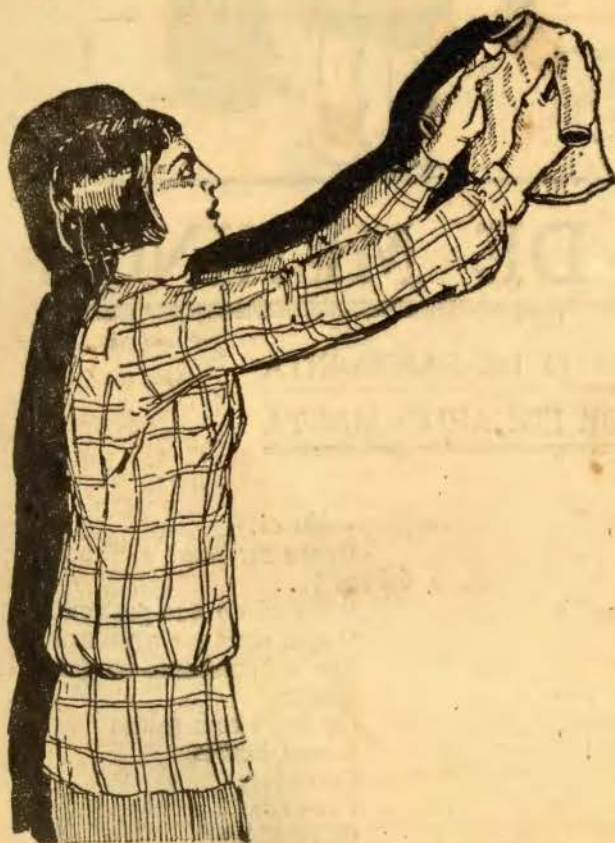
E com mais força:
Orça!
Orça, orça a vela!
—E tu... e tu ó Quim?...
—Eu quero ser poeta
Ou músico, ou pintor... ser um artista, enfim!
—Pateta,
Isso não podes ser!
Pois para ser-se artista, enfim, artista bom,
E' preciso nascer,
Segundo ouvi dizer,
Com êsse grande dom!
—Isso é que não é tal;
Pois eu conheço um
(Embora só de vista)
Que apesar do seu dom
Não é artista algum!
—Qual, qual,
Quem é?!
—O Dom José
Bourbon!

F I M

MEU PRIMEIRO CASAQUINHO

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA



—Olhem o que eu descobri
no fundo dum baúzinho!
—O primeiro casaquinho
que vesti,
quando nasci!..

¡Que engraçado! Está guardado,
dentro dum cofre dourado,
com aparência devota...
Quem o guardou? Minha Mãe
numa saúde divina?
ou a ama da Menina,
a Carlota?
...Não sei bem...g

...; Mas que amor de casaquinho,
branquinho,
feito em «tricot»...
...; E como eu nele cabia!...

—O' minha Virgem Maria!
Como eu fui e como eu sou!...

COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho Infantil
de
Jose Augusto Alves de
Neunha Cardoso
11 anos de
idade



LIÇÃO DE DESENHO

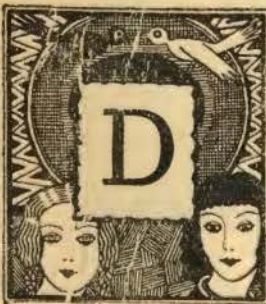




A LENDA DA CASTELÃ

POR PEDRO DE MENEZES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



O castelo saíram para a caça. Alarido. Ao longe, os gritos dos criados, o som das buzinas, o relinchar dos cavalos. Um pouco mais afastados, seguiam dois cavaleiros, serenos, conversando, lado a lado, por uma clareira da floresta. Devia de interessá-los a conversa porque a mais nada atendiam. Dir-se-ia que essa caçada tinha sido, apenas, um pretexto para se juntarem. Um dos cavaleiros era alto, espadaúdo, tipo de gigante, mus-

culoso, de longas barbas negras, bem cuidadas, olhos escuros, junto da boca uma cicatriz sobre a qual corria a lenda de ter nascido dum golpe duma invisível espada, cicatriz que a barba disfarçava quasi por completo. Cavalgava um cavalo negro como o seu gibão de veludo e como o chapéu e a pluma que o adornava. O seu companheiro, forte como ele, era um pouco mais baixo. Ao contrário do outro, usava apenas um bigode muito loiro e pouco farto. O cavalo que

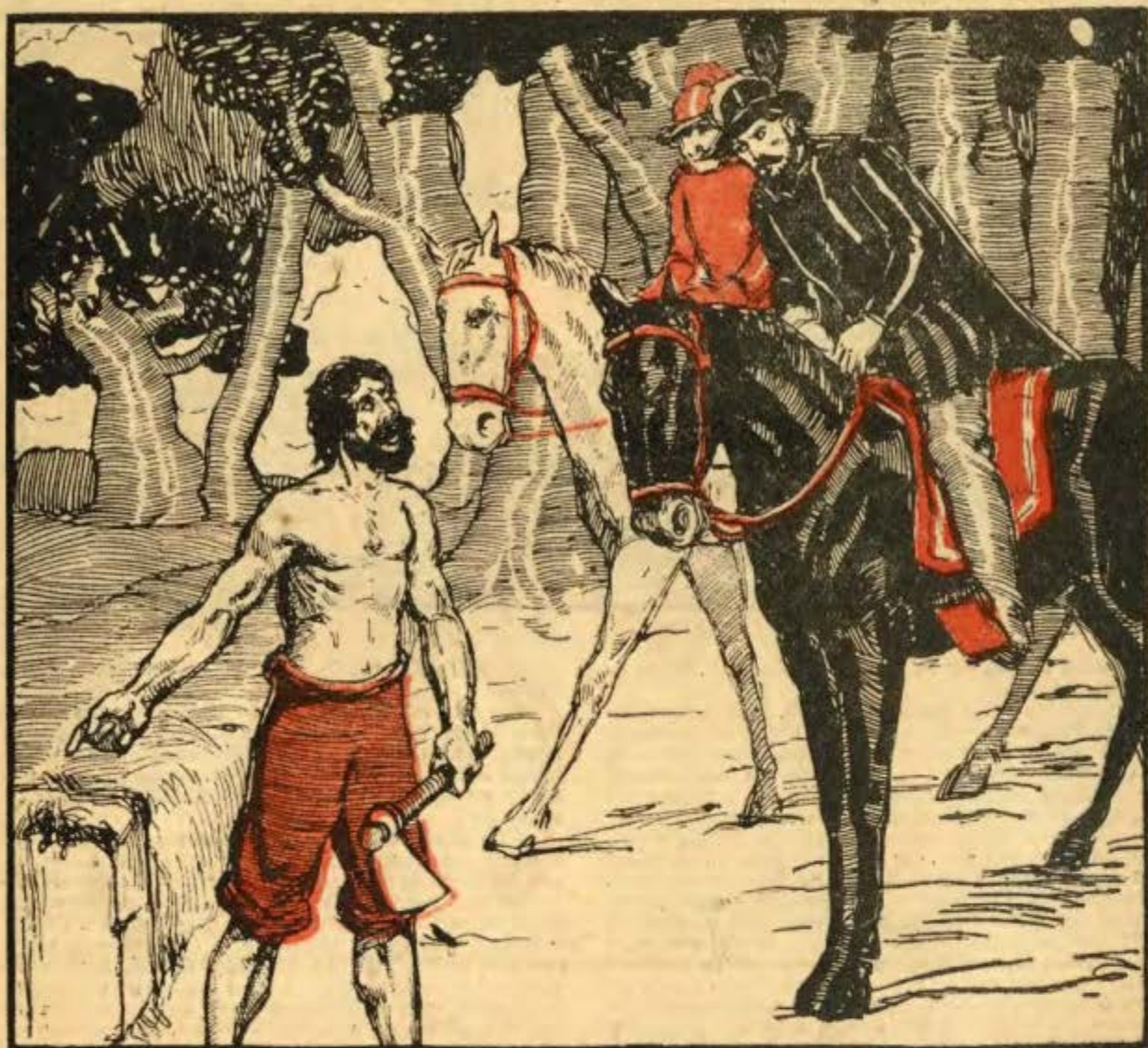
o conduzia era branco, o seu gibão vermelho como uma braza, o seu chapéu e a pluma que nele se erguia, eram também da cor das romãs. O cavaleiro da barba negra, disse ao seu companheiro:

— «Conde, a castelã não apareceu. Nunca a consegui ver, apesar das amiudadas visitas que costume fazer ao castelo. Dizem que é linda como as rosas das baladas».

— «Assim o dizem, efectivamente — respondeu o cavaleiro do bigode loiro. Uma vez, passando num dos seus sumptuosos salões e olhando despreocupadamente para um dos espelhos, vi a sua imagem. Quando me voltei para a poder ver em pessoa, não o consegui e quando de novo fitei o misterioso espelho, a sua imagem tinha-se diluído numa prateada neblina. Realmente era linda. Em volta do seu nome, infante, correm tantas lendas que me não custa a acreditar ser tão bela que se transforme no perfume duma flôr ou no éco duma canção. O seu nome dizem, também, que foi um verdadeiro mistério. Sabe esse conto, infante?».

— «Não. Se o sabe, conte-mo».

— «Dizem uns que ninguém lhe conheceu os pais, que perto daqui habitou um mago muito célebre que deu vida a uma estatueta de mármore que tinha sobre a sua mesa de



trabalho e que desde então a castelã apareceu. Dizem outros que foi imaginada por um maravilhoso artista que tinha o condão de dar vida às próprias pedras e que dum pedaço de luar lhe fez o corpo, da espuma do mar lhe fez os braços, de duas pombas em vôo fez-lhe as mãos, de dois brilhantes negros fez-lhe os olhos e de fios de noite lhe fez os compridos e admiráveis cabelos.

— «São lendas, conde — disse, pensativo e triste, o cavaleiro da cicatriz.

De repente, porém, ao atravessarem um bosque mais cerrado, encontraram um velho lenhador que, junto duma fonte, parecia admirado com qualquer coisa de anormal que lhe tivesse sucedido.

— «Que fazes aí, bom homem?» — perguntou o conde.

— «Ah, meu senhor — respondeu o lenhador — que mistério a que venho de assistir! Há poucos minutos ainda, passou por aqui uma corça muito linda e muito branca. Veiu beber a esta fonte e a fonte secou».

— «E para que lado seguiu essa corça?».

— «Perdeu-se no meio do bosque. Corria como o vento e saltava como uma folha seca. Desapareceu para lá daqueles pinheiros mais altos».

E o velho lenhador apontou uns pinheiros que se viam muito ao longe.

— «Vamos ver se a apanhamos».

E os cavaleiros partiram a galope. Percorreram o pinhal indicado e viram uma pastorinha sentada, a chorar, sobre um muro duma quinta dentro da qual estava a pastagem para as suas ovelhinhas que em volta dela se encontravam deitadas, balando.

— «O que é que tens, pastorinha?» — lhe perguntaram.

— «Que hei-de ter, meus senhores?!... passou por aqui uma corça muito branca e muito linda que ao começar a comer a herba desta pastagem, a fez secar por completo e agora não tenho que dar às minhas pobres ovelhas».

— «Que caminho seguiu ela?» — perguntaram os dois companheiros cada vez mais admirados.

— «Subiu aquela encosta e desapareceu para lá do penedo que fica mesmo no cimo. Corria como o pensamento e saltava como a espuma das ondas».

Os cavaleiros seguiram, galopando. Ao chegarem ao penedo, apontado pela pequena pastora, encontraram uma velhinha que, muito aflita, se dirigiu a eles, gritando:

— «Acudam-me, acudam-me, que estou perdida!».

— «Que te fizeram, boa velhota?» — perguntaram-lhe.

— «Passou por aqui uma corça muito linda e muito branca. Viu a porta da minha choupana aberta, por ela entrou e quando a quize afugentar desapareceu correndo e saltando, ao mesmo tempo que se incendiava a minha choupana que ardia por completo. Seguiu o caminho do moinho que fica à beira do rio».

Ao ouvirem tal, os cavaleiros tomaram a direcção indicada. O moinho moía milho vagarosamente. Toda enfarinhada, uma moleirinha, cantava lá dentro. Apaream-se. Entraram no moinho. Perguntaram:

— «Moleirinha, não viste passar por aqui uma corça muito branca e muito linda, que corre como o vento e salta, leve, como as folhas secas?».

— «Não, senhores, eu nunca vi corça branca nenhuma. Nem meu irmão, que é o melhor caçador destes arredores,



me contou alguma vez ter visto corças dessa cõr. Havia de ter sido engano».

Os cavaleiros não insistiram. Saíram. Quando se dirigiram ao local onde os cavalos tinham ficado, não os encontraram nem, por mais que procurassem, apareceram. Em frente havia mais dum caminho. Como não sabiam qual d'êles haviam de tomar, entraram de novo no moinho e perguntaram à jovem moleira, qual a melhor direcção a seguir.

— «Todos se juntam no mesmo caminho a poucos metros de distância daqui. Esse, por sua vez conduz, a uma cidade que parece de neve, porque todas as casas são brancas, onde só nascem lírios e todos os habitantes andam vestidos de túnicas de linho. Para entrarem nessa cidade, precisam de abrir uma porta que tem três chaves: — uma de ouro, outra de prata e a terceira de cobre. A de ouro está no parapeito duma janela que uma gigantesca ave, que dorme apenas um minuto de cinco em cinco anos, guarda cuidadosamente. E' uma ave que basta tocar com a ponta do bico na pessoa que pretenda apossar-se dessa chave, para que fique imediatamente transformada numa pedra do caminho. Só quando ela dormir será possível tirar-lhe a chave, mas ela dorme tão pouco... A de prata está escondida debaixo do travesseiro dum feroz guerreiro que está sempre deitado e que nunca adormece. Basta que êle atinja com um dedo aquele que pretenda roubar-lha, para que êsse alguém passe a ser um dos botões do seu gibão. A terceira chave, a de cobre, está pendurada ao pescoço duma serpente que devora quem seja capaz de se aproximar dela».

— «Que mistério guarda, então, essa cidade para assim estar tão segura?».

— «E' nela que o dono do castelo das cem torres, — um temível feiticeiro, apesar de parecer um inofensivo cavaleiro, — guarda a castelã, sua mulher, que é linda como rosas de brocado e desgraçada como noites sem luar».

Os cavaleiros entreolharam-se. E' que do castelo das cem torres vinham êles e em procura da misteriosa castelã andavam de há muito. O que êles desconheciam é que o castelão fôsse um tão perigoso feiticeiro.

— «Para lá iremos!» — bradaram.

— «Já muitos teem tentado a mesma empreza mas nada teem conseguido. Por lá ficam. E' que começando a seguir aquele caminho, já não podem voltar para trás. Logo que alguém passe por êle, nascem tojos enormes que os não deixam voltar».

— «Apesar de tudo, iremos!» — responderam os audaciosos cavaleiros.

E seguiram o enfeitado caminho. Efectivamente quando olhavam para trás, viam sempre uma espessa mata, de altíssimos tojos, cujos picos pareciam de aço. Avançaram sempre. Para trás era impossível voltar. Muito cansados já, chegaram a um sítio onde uma mulher andava semeando

milho, um milho miudo, redondo, amarelo, como pérola de ouro.

Caso extraordinário, logo que o misterioso milho caia no chão, imediatamente nascia um arbustosito e, dentro de pouco, tinha aparecido um milharal compacto, com loiras espigas bem cheias do precioso cereal. Acercaram-se da mulher e perguntaram-lhe que milho era aquele, ao que ela respondeu:

— «O milho destas espigas é o único capaz, — dando-lho a comer — de matar a ave enorme que guarda a chave de ouro da porta da cidade de neve. Para isso é necessário debulhar as espigas com as luvas de ferro que estão penduradas no ramo mais alto do mais alto pinheiro. Para as conseguir alcançar, é preciso cortar essa árvore pelo pé e isso só se poderá fazer com o machado do lenhador que está sentado à beira duma fonte que uma corça branca fez secar».

Já os dois companheiros começavam a pensar que estavam perdidos quando, ao recommencarem o seu caminho, viram um anão que gemia na valeta da estrada, a pedir auxílio. Acercaram-se d'êle. Ia com um feixe às costas, segundo êle muito a custo contou, quando escorregando, caiu e partiu uma perna. Levantaram-no carinhosamente e conduziram-no à cabana onde habitava e que ainda ficava distante.

Agradeceu o homenzinho aos seus bemfeitores e, em paga, deu-lhes um pequeno malmequer que parecia de papel e que tinha apenas três pétalas.

— «Levem êste malmequer, — disse-lhes — e quando pretendam alcançar qualquer coisa, por mais extraordinária que lhes pareça, arranquem uma das pétalas e peçam-lha».

Agradeceram e partiram, depois de terem deixado o anão deitado sobre uma fofa cama de caruma. Quando tinham dado já alguns passos, lembraram-se do que lhes tinha dito a mulher que semeava o maravilhoso milho. Arrancando uma das pétalas da enigmática flôr, pediram-lhe o machado do distante lenhador, machado que, poucos momentos depois, aparecia junto d'êles. Com êle cortaram o pinheiro, apoderaram-se das luvas, que o infante calçou e depois foi buscar algumas espigas do doirado milho. Debulhou-as e guardou delas os preciosos grãos. Seguiram o seu caminho. Andaram, andaram, andaram, até que chegaram a um sítio onde uma velhã dava de comer a galinhas todas roxas. Admirados, perguntaram-lhe que galinhas eram essas ao que ela respondeu que com os ovos que havia de pôr, que eram prateados, se poderia matar o guerreiro que guardava a chave de prata da cidade de neve. Para que elas puzessem êsses ovos, preciso era que comessem um pouco daquela herba que secura quando tinha passado junto dela, uma corça muito branca. Arrancaram a segunda pétala do enfeitado malmequer e pediram-lhe o que desejavam. Logo que a conseguiram deram-lhe as misteriosas galinhas que imedia-

(Continua na página 7)

ADIVINHAS

Formar doze cidades portuguesas
com as seguintes letras

- .V....
- ..I...
- .V....
- ...A
- ..P.....
- ..O
- ...R..
- ...T....
- ...U...
- ...G....
- ..A..
- ...L..

Decifração das anteriores

1, Chavena—2, Terrina—3, Travessa—4, Prato—5, Copo
—6, Pires—7, Galbeteiro—8, Sopeiro—9, Cálice—10, Man-
teigueira—11, Varino—12, Meias—13, Gravata—14, Calças
—15, Ceroulas—16, Peitilho—17, Fraque—18, Capote—19,
Cuecas—20, Camisola—21, Camisa—22, Colete.

PROVERBIOS

D	V	C
2	5	8

O	O	D	A	E	O	C
1	4	2	3	7	1	6

Q	T	G	N	D	M	A
3	3	4	3	6	3	3

A	C	E	S	J	T	V	E	N	D	P
1	5	2	3	4	4	5	1	3	2	3



Meus meninos: — Vejam se descobrem
em quem está pensando este pastorinho.

CONTINUAÇÃO DO CONTO

A LENDA DA CASTELÁ

tamente puzeram os ovos prateados, dos quais guardaram alguns.

Mais adiante, encontraram uma mulher que andava a aquecer um grande forno.

—«Para que é esse forno?»

—«Para fazer pão. É o único alimento que pode matar a serpente que guarda a chave de cobre da cidade de neve. Para isso era necessário que o amassasse a velha a quem uma corça branca incendiou a casa e que a farinha fôsse moída pela moleirinha que nunca viu nem ouviu falar de corças dessa côr.»

Usaram a terceira pétala do malmequer do anão e velha e farinha apareceram imediatamente. O pão foi cosido e d'êlc levaram um bom pedaço.

Foi passado bastante tempo que êles, por fim, viram uma ave enorme a cantar, poisada no parapeito duma janela. Era a ave que procuravam e que, cuidadosamente, guardava a chave de ouro que mais tarde, com outras duas, daria entrada na cidade desconhecida.

Atiraram-lhe com o milho que traziam e que a fantástica ave comeu com sofregidão e viram que, passado pouco

tempo, sacudindo as pesadas âsas tombava inerte, caindo do parapeito a desejada chave.

Um pouco mais adiante, ouviram tossir e de tal modo que até a terra que pisavam, estremeçia. Era o gigantesco guetreiro, o feroz guardião da prateada chave. Pê ante pé, puzeram, próximo do misterioso guarda, os ovos das galinhas roxas. Ao vê-los, o gigante picou-os e bebeu-os, tendo morrido poucos momentos depois. Tiraram a chave e seguiram. Depois de largas caminhadas, encontraram a famosa serpente da chave de cobre. Era uma serpente com guela e dentes de aço, negra como o carvão.

Assobiava de tal maneira que tudo estremeçia a larga distância. Atiraram-lhe com o mágico pão e, logo que nêlc tocou, a serpente morreu. Tiraram-lhe a chave e retomaram o fatigante caminho. Chegaram, por fim, à porta da cidade. Abriram-na com as três chaves. E, ao abri-la, os tojos, que lhes vedavam o caminho, desapareceram como por encanto. Entraram na cidade e encontraram pouco depois um mendigo, encostado a um bordão, a quem perguntaram pela castelá. Palavras não eram ditas, o mendigo que mais não era do que o feiticeiro do palácio das cem



CONTINUAÇÃO DO CONTO

A LENDA DA CASTELÃ

torres, levantou o bordão e deu com êle uma tão violenta pancada no cabelo do bigode loiro, que logo se transformou numa garça que, levantando o vôo, foi poisar na mais alta casa da cidade, enquanto o outro cavaleiro, evitando um novo golpe do embruxado bordão do falso pedinte, que pela segunda vez o levantava para o alcançar, fugia pelas ruas da cidade, até que, ao voltar duma esquina, encontrou o anão da perna partida, Reconheceu-o. Disse-lhe:

—«Valei-me, bom homem!»

O misterioso anão riu-se e deu-lhe nma agulha, ao mesmo tempo que o ia elucidando:

—«Toma. Segue esta rua, Ao fundo, encontrarás uma linda mulher sentada na escadaria que dá entrada para um palácio. Dize-lhe que, com esta agulha, te cosa no teu gibão o botão de madrepérola que pertenceu a um rei que morreu

naquele mesmo palácio. Ela te contará depois o mais que tens a fazer.»

E o anão desapareceu.

Assim o fez e assim sucedeu. Uma vez cosido o misterioso botão no seu gibão côr da noite, o cavaleiro tornou-se invisível. Então a desconhecida deu-lhe um pequenino frasco que encerrava um liquido qualquer. Informou-o de que se passasse junto do fingido mendigo e lhe atrasse aquele liquido à cata, o faria desaparecer para nunca mais poder voltar. Seguiu à risca o conselho da linda desconhecida. Logo que o falso mendigo desapareceu, voltou à sua primitiva forma o cavaleiro do bigode loiro. O da barba negra, perdendo de novo a sua invisibilidade, casou, finalmente, com a formosa castelã, que conseguira desencantar e que era a mulher que lhe cosera o botão enfeitado.

F I M